OS FUNDADORES DO INSTITUTO DO CEARÁ

BOANERGES FACÓ

O Ceará tem sido através dos tempos avassalado por sêcas como que exterminadoras, bastando que sejam citadas cada uma delas nos três últimos séculos. Aí estão 1790-1793, 1877-1879 e 1915.

A primeira foi de efeitos tão calamitosos que Ayres do Casal consigna que ela "fêz perecer todos os animais domésticos e muita gente à míngua, e foi também a causa de muitas epidemias que varreram muitas mil pessoas por tôda a província. Os povos de sete freguesias desertaram sem ficar uma só alma". (*Apud* Tomás Pompeu, *in O Ceará no Centenário da Independência do Brasil*, pág. 214.)

Com relação à sêca de 77 encontramos no mesmo livro à página 235: "Êste ano de 77 jamais apagar-se-á da memória dos sertanejos pela sua grande sêca que foi considerada pior do que a de 1845."

E a recente e dolorosa sêca de 15? Desta calamidade climática fui testemunha de vista. Por Baturité, onde morava, vi passar, diàriamente, trens superlotados de retirantes em deplorável estado de saúde, fome e miséria que contagiava, torturava mesmo almas de pedra. De minha noiva recebia cartas de Fortaleza sôbre o primeiro *Campo de Concentração,* que era o Passeio Público!...

Passados os horrores climáticos de 1879, os homens de espírito de Fortaleza reataram as lucubrações culturais iniciadas com tanto êxito no ano de 1872 com a fundação da Academia Francesa do Ceará, e lançaram-se de corpo e alma à solução de problemas de justiça e de humanidade da Província. Aí estão as sociedades redentoras dos cativos que, como de costume, contavam com os extremados e com os ponderadores.

Tratando do assunto em meu livro *Cadernos de Lembranças,* escrevi: "*Cearense Libertadora* e *Centro Abolicionista* eram jaco-

binos e girondinos, em campos diferentes, a trabalhar para o mesmo fim — libertação geral dos escravos da província do Ceará. Uns trabalhavam na *montanha* e outros na *planície*. Os do "Centro" Studart e outros na *planície* e os da *libertadora*, João Cordeiro e seus companheiros na *montanha*, sem a dispensa do próprio elemento feminino com Maria Tomásia, Maria Teófilo e outras mulheres abnegadas e destemidas." (P. 200.)

Reiniciou-se também a cultura dos espíritos, e, assim, cultivaram-se as letras e ciências renovadas com a fundação de sociedades litero-científicas, entre as quais o Instituto do Ceará, a mais séria e notável instituição de letras do Ceará, que se propunha "fazer conhecida a história e geografia da Província e de concorrer para a propagação das letras e ciências na Província", conforme consta da ata de instalação de 1887. Foram seus sócios fundadores: Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart, Joakim de Oliveira Catunda, João Augusto da Frota, João Batista Perdigão de Oliveira, Antônio Augusto de Vasconcelos, Antônio Bezerra de Menezes, Júlio César da Fonseca Filho, Juvenal Galeno da Costa e Silva, José Sombra, Virgílio Brígido e Virgílio Augusto de Morais.

PAULINO NOGUEIRA — O desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, que foi o primeiro presidente do Instituto, era bisneto de Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, que foi governador da capitania do Ceará, de 25 de abril de 1765 a 3 de novembro de 1871.

Dando essa ascendência de Paulino Nogueira, não tive o intuito de engrandecer a personalidade de Paulino Nogueira, que já é de si notável, mas de radicá-lo à gleba cearense por sucessivas gerações.

Conheci-o na primeira década do século, maior de sessenta anos, na qualidade de desembargador do Tribunal da Relação do Ceará e de lente da Faculdade Livre de Direito do Estado, sempre decentemente trajado, de acôrdo com a época, que primava nos homens com a devida severidade e correção de linhas.

Era idoso apenas nos anos, mas sempre um espírito jovial, comunicativo, que na intimidade sabia tornar a sua palestra interessante, em chistosa prosa, cheia de adágios e versos adequados, que a animavam, sem jamais quebrar a linha da decência e da dignidade. A sua inteligência e cultura se patenteiam em grande número de obras, entre as quais algumas de real valor.

Possuía cultura especializada ligada aos interêsses do Ceará. Eusébio de Sousa, em *Meio Século de Existência* (Instituto do Ceará), enumera as obras de sua bibliografia, aliás vasta.

GUILHERME STUDART, posteriormente agraciado com o título de Barão por Leão XII, figura, decerto, sem maior, na cadeira de São Pedro, na qualidade de Vigário de Cristo, na conciliação entre o humano e o divino, que vem preocupando todos os Pontífices, que

lhe hão sucedido através dos últimos tempos da Igreja, com o desaparecimento de Pio IX, que nos deixou o *Syllabus*, que o indispôs com o mundo culto.

Pedro de Queirós, no seu estilo escorreito e sintético. escreve sôbre Studart: "Percebeu nas tintas da primeira diligência intelectual — palpitar — na letra fria da crônica o esto da vida passada. Acurado olhou-a, observou-a atento. Sacudiu-a e apanhou-a e limpou-a — compacta camada de poeira — que a embrulhava e no-la mostrou asseada e renascida a estuar em vibrações infinitas.

Sacudido de rara coragem cívica, amarrado nas prisões do torrão natal — devotou-se ao rasgamento da bruma — que envolve os nossos dias idos, e prática da vida de nossos avoengos e publica as datas e fatos do Ceará — desde o seu amanhecer para a história com o seu ínclito e enérgico fundador Martim Soares Moreno até o dia derradeiro do Império, de 1603 a 1889." (*Rev. da Academia Cearense de Letras,* Tomo II, 1897, pág. 217.)

Escrevendo eu sôbre o Barão de Studart (trabalho lido no Instituto do Ceará no 98.º aniversário de nascimento do Barão, trabalho que na ocasião Tomás Pompeu Sobrinho me disse ser completo), disse: "Joaquim Nabuco, estudando *Os Lusíadas* e seu genial autor, em memoráveis conferências na América do Norte, disse que a adversidade na vida de Luís de Camões fôra fato capital para êle e sua pátria. Se a vida lhe houvesse corrido à feição, Camões não teria ido às Índias e, sem essa viagem, jamais êle teria imaginado o imortal poema épico da nação portuguêsa. Se houvesse ido à Itália teria sido, admita-se, o poeta da Renascença.

A semelhança dêsse comentário aconteceu com Guilherme Studart. Se êle, quando voltou ao Ceará, em janeiro de 1878, segundo ano de sua maior sêca no XIX século, não tivesse encontrado a sua província natal assoberbada pela terrível crise climática e seu querido genitor, que faleceu logo em fevereiro seguinte, em embaraçosas dificuldades financeiras, cercado de numerosa família por educar e mesmo por criar, e êle próprio por colocar-se e encaminhar-se na vida, teria voltado à Bahia. Mas, em boa hora, êle teve de ficar no Ceará para enfrentar *struggle for life* e cuidar da numerosa irmandade, de modo que teve de ser um forte e notável patriarca na flor dos anos. Assim, a Escola da Bahia teve de perder, decerto, um grande professor, mas a cronologia do Ceará teve de ganhar o seu destacado beneditino." (Ob. cit., págs. 197-198.)

Studart escreveu dezenas de trabalhos importantes e utilíssimos à história do Ceará, mas tenho por seus trabalhos maiores *Datas e Fatos* para a história do Ceará, acompanhados de sua farta e preciosa documentação: *Ceará-Colônia* (1.º Volume *in* 8.º, de 525 págs., 1896); *Ceará Província* (2.º Vol. *in* 8.º, 373 págs., 1896); *Ceará-Estado* (3.º Volume *in* 8.º de 110 págs., 1899).

Eusébio de Sousa enumera mais de cem trabalhos, que constituem um desdobrar constante de datas e fatos sôbre a história do

Ceará, cousa que só êle empreendeu e fêz a bem de nossas origens e desenvolvimento histórico.

JOAKIM CATUNDA — Escrevendo sôbre Joakim de Oliveira Catunda em "Homens e Cousas" — Ceará, salientei o valor de seu pequeno livro — *Estudos da História do Ceará,* que representa o momento da transição do que se passou do século XVIII, o da *Enciclopédia,* para o século XIX, o do *Transformismo,* de que a pequena Introdução de seu livro é uma ligeira condensação da passagem do divino para o humano dentro da filosofia, que êle estudou e em que se aprofundou. Contou-me certa vez Pedro de Queirós que lhe perguntara um dia, em palestra, qual o maior filósofo alemão, ao que lhe respondeu Catunda que era o que êle menos entendera por nebuloso demais.

Catunda põe em apêndice à sua história dois estudos sôbre as "origens americanas" e sôbre a "evolução do clima".

Era uma obra, há dezenas de anos, esgotada, mas o seu neto afim, Gilberto Câmara, nos deu nova edição, e nos prometeu uma edição dos discursos parlamentares de Catunda, o que, infelizmente, não fêz.

PADRE FROTA — João Augusto da Frota, nascido em Santana do Acaraú, a 24 de janeiro de 1849, e falecido em idade avançada, ordenou-se presbítero em Roma, no Colégio Pio Latino Americano e doutourou-se na Universidade Gregoriana.

Foi homem de alta cultura e profunda modéstia. Assim é que era na sua época notável matemático e sábio astrônomo. E conta-se que Tomás Pompeu de Sousa Brasil, distinguido erudito cearense, depois de largos estudos em geografia, fôra professor da matéria no Liceu do Ceará, e teria dito certa vez que, como professor da disciplina, não temeria nem mesmo o padre Frota.

O pe. Frota fôra discípulo em Roma do jesuita e astrônomo padre Secchi, diretor do Observatório Astronômico do Vaticano, e, por morte do antigo mestre, fôra convidado para substituí-lo no alto pôsto, o que recusou, como recusara a mitra do bispado do Pará, que fôra ocupado, ao tempo da questão religiosa, pelo famoso Macedo Costa, que se tornou notável no bispado e nas letras.

O pe. Frota foi também um liberal: orador de grandes recursos e destemido abolicionista.

PERDIGÃO DE OLIVEIRA — João Batista Perdigão de Oliveira foi tão modesto de vida e de posição social quão destacado pesquisador das origens e cousas do nosso amado Ceará, razão por que Eusébio de Sousa, no seu citado e precioso livro sôbre o Instituto do Ceará, escreve que êle "pertencia à falange dos laboriosos investigadores de nossa história".

Merece justa atenção o seu volumoso e documentado trabalho sôbre a longa e discutida *Questão de Grossos*, referente a limites entre o Ceará-Açu e Ceará-Mirim (Rio Grande do Norte e Ceará), que êle discutiu em todos os seus aspectos, razão por que se disse que êle "esgotou o assunto", e foi escolhido pelo presidente do Estado, govêrno João Tomé, para um como que tratado de limites entre o Ceará e os Estados vizinhos, trabalho que seria presente ao Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, então Capital do Brasil, por solicitação da Repartição Geral dos Telégrafos.

Perdigão de Oliveira foi um membro respeitável, acatado e louvado do Instituto do Ceará, tanto que a sua personalidade se estendeu a notáveis sociedades congêneres, na qualidade de sócio correspondente do Instituto Histórico Brasileiro, do Instituto Arqueológico de Pernambuco e Instituto Histórico da Bahia.

ANTÔNIO AUGUSTO — O Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, a quem já chamei de orador a Alves Mendes e de pai da Faculdade Livre de Direito do Ceará (é que na minha opinião ninguém influiu tanto como êle perante os que tinham prestígio para a sua criação), nasceu em Maranguape, a 23 de dezembro de 1852 e faleceu em Fortaleza, a 10 de março de 1930 (com 77 anos completos).

Antônio Augusto era bacharel pela Academia de Recife e doutor em Direito na qualidade de lente catedrático da Faculdade de Direito do Ceará, que tanto elevou por sua inteligência e cultura, inteligência e cultura que também têm elevado a terra de Alencar por seus antigos alunos, como o culto pensador, Joaquim Pimenta, o profundo direitista Matos Peixoto, o gracioso e inspirado autor de máximas e pensamentos Eduardo Girão, e tantos outros moços de talento e cultura, que tanto têm também elevado, nas carreiras abraçadas, o nome do Ceará. Antônio Augusto pertenceu à turma de bacharéis de Recife, no ano de 1880, que teve como colegas do Ceará, além de outros, Pedro de Queirós, Gil Amora e Virgílio Brígido, que eram a êle ligados por laços de amizade, inteligência e cultura. Antônio Augusto teve o seu período máximo de professor e intelectual na Academia de Direito do Ceará pelo brilho de suas aulas e magia de sua oratória acadêmica na cultura geral e especializada, histórica e filosófica.

O filho, o desembargador Abner de Vasconcelos, escrevendo-lhe a biografia, chamou-a de *Perfil de Educador* e disse com justeza que "Antônio Augusto exerceu sucessivamente as cátedras de Filosofia e Introdução à Ciência do Direito, de Economia Política e Direito Administrativo. Foi a fase magna de todo o seu professorado". (Pág. 123.)

Antônio Augusto fizera todo o curso do Seminário, quer o básico, quer o superior, mas, faltando-lhe idade para o presbiterato, aguardou a idade, interregno que lhe desfez o sacerdócio e lhe trouxe o matrimônio, que, por sua vez, lhe deu prole numerosa e ilustre em

que se destacam o escritor Carlos de Vasconcelos e a professôra Júlia de Vasconcelos, dois granjenses notáveis.

ANTÔNIO BEZERRA — Escrevendo sôbre Antônio Bezerra de Menezes, disse eu que êle fizera parte da Academia Cearense, de 15 de agôsto de 1894, "no fulgor de seu bairrismo escaldante".

Antônio Bezerra era uma alma de patriota ardente, como um sol que calcina ou um coração que transborda. Alma e coração de Antônio Bezerra, inflamados de amor e de fôrça, morriam pelo Brasil, mas matariam pelo Ceará. Todo o seu ser ardia de contínuo no cadinho, que acrisolava os mais elevados sentimentos patrióticos de uma alma forte e de um coração ardente. Deixou-nos páginas notáveis e imorredouras sôbre o Ceará, que enchia e palpitava no seu ser, sob tôdas as suas facêtas. Definiu-lhe o perfil de escritor e patriota um seu parente, Antônio Furtado, quando assim escreveu sôbre êle: "Extrênuo pesquisador do rico minério, a meio esquecido do nosso Pretérito de três séculos, volveu a sua vida tôda, o seu talento, a sua saúde precária, o seu esfôrço opiniativo e pertinaz, a bem da nossa história, de nossa geografia, do estudo da nossa flora e da nossa fauna, da nossa mineralogia, das nossas cousas, enfim, encarnadas em congérie, que constituíram o fulcro central, sempre presente, da operosa, laboriosíssima existência do patriota, do cientista e do escritor de raro fulgor e perfulgentes rutilâncias que êle, veramente, foi." Disse bem Eusébio de Sousa, quando escreveu: "*O Ceará e os Cearenses*, eis o dístico que se poderia gravar na frontaria de tôda essa construção."

É que Antônio Bezerra estudou a terra do berço no seu território, que percorreu de norte a sul, os seus homens e cousas, fazendo ainda o govêrno do Estado editar, por sua ação meritória, *Datas de Sesmarias*, que esclarecem e orientam "... quantos lidam no fôro, na história e geografia do Ceará". É de lastimar que êle não tenha deixado êsse mundo de conceitos e preciosas informações sôbre o Ceará, numa obra coordenada, inteiriça e completa...

JÚLIO CÉSAR — Júlio César da Fonseca Filho não deixou uma obra de meu conhecimento, pelo menos, à altura da fama de que gozava de grande erudito, embora êle gostasse de escrever numa linguagem profundamente acadêmica e mesmo empolada. Eis um trecho dêsse espécime: "Quem o visse modestíssimo, sem os aparatos multiformes e tonitruantes dos autólatras, que se nutrem de adjetivações sesquipedais; quem o visse, repito, desaparecendo quase anônimo (José Sombra), pálido, estiolado, sem fôrça plástica, não diria certo que êle possuía um cérebro trabalhado para as grandes idéias e um coração organizado para os grandes afetos."

Júlio César fôra um republicano histórico na vera acepção da palavra. Assim é que, ainda jovem, em Aracati, sua terra natal, escrevia: "Deve-se destruir a monarquia."

Teodorico da Costa, antigo sócio do Instituto do Ceará, escrevia que Júlio César era "jornalista intemerato, fazendo da sua erudita pena uma clava potentíssima em favor da Verdade, do Bem, da Justiça". E Eusébio de Sousa, autor de *Meio Século de Existência,* diz, por sua vez, que fôra lançado, em ata de sessão do Instituto, "um voto de louvor e agradecimentos pelos serviços de suma valia prestados por êle, como orador do Instituto, desde a sua fundação".

Em 1906, Júlio César deixou de ser sócio efetivo do Instituto, depois de vinte anos de exercício, na cadeira número oito, ante resolução "definitiva e irrevogável", e passou a sócio honorário pelos serviços prestados à Sociedade pelo consenso unânime de seus pares.

JUVENAL GALENO — Juvenal Galeno da Costa e Silva, nascido em Fortaleza, a 27 de setembro de 1836, e falecido na mesma cidade, a 7 de março de 1931, quase centenário, à semelhança de Pedro João de Béranger, o chamado poeta nacional francês ao tempo de sua morte (1857), foi o primeiro e grande poeta popular do Brasil, cuja obra-prima *Lendas e Canções Populares,* em 1865, foi entusiàsticamente recebida pela crítica em Portugal e no Brasil por seus maiores vultos, como José de Alencar ou Pinheiro Chagas, Franklin Távora ou Araripe Júnior, Machado de Assis e outros mestres da Literatura, sem esquecer Gonçalves Dias.

Mais tarde Humberto de Campos, com justiça e justeza, parodiando o imperador anticristão de Roma, escreveu: "Venceste, Juvenal." Eu também, conforme os Anais da Casa de Juvenal Galeno (Volume I, págs. 263 a 271), em "Homens e Cousas", quando escrevi sôbre Jangadeiros e Vaqueiros e em muitos outros trabalhos, tenho rabiscado apreciações sôbre o nosso poeta popular.

O próprio Instituto do Ceará, no ano da morte de Juvenal (1931), por sua comissão de redação, deu a significação exata da obra de Juvenal Galeno: "Juvenal Galeno foi o Homero dessa gente, foi o grande cantor dos pobres e dos humildes.

Não há, na sua obra, nenhuma idealização artística, nenhuma preocupação de ordem estética. É a pura espontaneidade de um coração identificado com os sentimentos de seu povo, nas suas alegrias e sofrimentos.

Os seus versos patenteiam com vigor os traços essenciais do psique das sub-raças que povoam nossos sertões — pundonor da valentia, o espírito da astúcia, a credulidade supersticiosa, o ânimo avarento e a desconfiança agressiva.

É essa a glória de Juvenal. Seus versos, que têm a frescura nativa e meio agreste da fonte em que se inspiraram, vivem no coração e nos lábios do povo, e, portanto, imortais."

É que Juvenal, democrática e simplesmente, escreveu a história de seu povo em versos simples, espontâneos e inspirados.

JOSÉ SOMBRA — O Dr. José Sombra, médico nascido na cidade de Maranguape, a 24 de dezembro de 1852 e falecido em Fortaleza, a 16 de março de 1888, com menos de quarenta anos de idade, foi homem de notável inteligência e cultura sobretudo nos domínios da lingüística, embora quase nada nos tenha deixado de sua mentalidade.

As suas características de intelectual herdara o filho José da Cunha Sombra com acentuada sigilação de catolicidade.

Júlio César, seu companheiro do Instituto, desde a fundação, conheceu-o bem, e, assim, pôde avaliar de sua inteligência e méritos, razão por que, além do que já transcrevi sôbre José Sombra, dito por Júlio César, dou ainda a palavra ao último para que diga ainda sôbre o primeiro: "Homens, como o Dr. José Sombra, mesmo depois de abandonarem a vida objetiva, continuam a influenciar na conduta de seus semelhantes, como fatôres inelutáveis."

Era assim o fundador do Instituto do Ceará, sob a cadeira n.º 10, que pouco nos deixou por escrito, mas nos deixou tradições notáveis por aquêles que o conheceram pessoalmente.

VIRGÍLIO BRÍGIDO — O Dr. Virgilio Brigido, bacharel da turma de Recife, do ano de 1880, nasceu em São Francisco de Uruburetama (Itapajé), a 24 de abril de 1854 e faleceu no Rio, onde vivia, há muitos anos, em 1920.

Virgílio Brígido, pertencente a uma família de homens inteligentes, era uma vocação de literato, que a política desviou do caminho que lhe havia traçado o destino. Assim é que, ainda nos bancos da Academia (1879), publicou um volume de versos — *Cantos do Amanhecer*, que jamais tive de ler, mas de que, por várias vêzes, me falou Pedro de Queirós, cearense da mesma turma de bacharéis de 80, no Recife.

Virgílio fêz parte de movimentos literários de Fortaleza e de Recife de sua época, e chegou a publicar ligeiros trabalhos de caráter histórico, como sôbre o movimento liberal de 24, ou biográficos sôbre José Bonifácio, o Môço, sôbre Tibúrcio, o general-filósofo, e outros do mesmo gênero.

80) Lopes Dias, J. — *Op. cit.* — vol. VI — pp. 307 e 302.

Ainda nôvo, por influência política de família, sobretudo de seu tio João Brígido, chegou à deputação federal por anos, de 1900 a 1912. A política estiolou-lhe a atividade intelectual. Assim é que durante a sua longa deputação, no início de sua carreira política (1900), "apenas editou um discurso sôbre as sêcas do Ceará" (1901).

VIRGÍLIO DE MORAIS — O Dr. Virgílio Augusto de Morais, meu professor de Direito Comercial e da mocidade acadêmica de meu tempo, na Faculdade Livre de Direito do Ceará, encerra o número de sócios fundadores do Instituto do Ceará, de vez que ocupava a cadeira n.º 12, que, então, limitava o número de sócios do Instituto.

Escrevendo eu sôbre o cinqüentenário da Faculdade de Direito do Ceará (1953), com relação aos professôres do quarto ano (1910), que eu cursava, escrevi: "... Virgílio de Morais, que sabia a lei de falência de cabo a rabo (Lei n.º 2 024, de 17 de dezembro de 1908), ensinava direito comercial, cujas aulas ilustrava com a opinião de Carvalho de Mendonça, o excelso comentador da lei de quebra brasileira, Vivante, Vidari e outros mestres na matéria."

Virgílio era pontual às aulas a que estava sujeito, mesmo quando já doente. Foi o grande advogado de seu tempo em Fortaleza, fazendo fortuna para a época.

Eusébio de Sousa, nos subsídios para o estudo crítico do fundador, de quem se trata, do Instituto do Ceará, diz que "a resenha biobliográfica do Dr. Virgílio Augusto de Morais, transformada em letra de fôrma, é quase nula, mas por centenas se contam os pareceres, razões, recursos etc., esquecidos nos cartórios, documentando o valor do conceituado advogado que, ao seu tempo, foi o de maior clientela" (*Meio Século de Existência*, pág. 106).

Ante as sucintas e pálidas apreciações sôbre os doze fundadores do Instituto do Ceará, verifica-se que todos êles eram homens de mentalidades sadias e fortes, sob várias facêtas da atividade intelectual.

Eram bacharéis, médicos, padres ou leigos, mas homens de letras, escritores, poetas ou prosadores com maior ou menor valor mental.